

O CAIPORISMO EM MACHADO DE ASSIS: UMA ANÁLISE DO CONTO *ÚLTIMO* *CAPÍTULO*

BAD LUCK: AN ANALYSIS OF THE SHORT STORY *ÚLTIMO CAPÍTULO* BY
MACHADO DE ASSIS

Allan Leandro Lascoski¹

Juliana Bressan Mendes Giollo²

Prof.^a Dr.^a Josiane Aparecida Franzó³

Resumo: O presente trabalho pretende identificar características comuns às produções do escritor brasileiro Machado de Assis, como o pessimismo e a ironia. A obra escolhida é o conto *Último Capítulo*, que faz parte da coletânea de contos que compõem o livro *Histórias sem data*, publicado em 1884. Nesse conto, Matias, narrador personagem, discorre sobre toda a sua trajetória de vida denominada por ele mesmo como extremamente “azarada”, a ponto de fazer com que se autointitule um caipora. Por meio da narração, o leitor terá conhecimento dos infortúnios da personagem já a partir do seu nascimento até o dia em que resolve cometer suicídio. Sabe-se que Matias não pretende morrer sem antes narrar sobre sua existência e deixar registrado seu último desejo, a doação suas de botas. Nessa perspectiva, pretende-se analisar esse conto destacando, ainda que de maneira sucinta, a percepção de Machado de Assis sobre a vida e o mal presente no mundo com uma visão pessimista e um certo humor irônico.

Palavras-chave: Machado de Assis. Pessimismo. Ironia.

Abstract: The present work intends to identify common characteristics of the creation of the Brazilian writer Machado de Assis, such as pessimism and irony. The chosen story is *Último Capítulo*, which is part of the collection of short stories that make up the book *Histórias sem data*, published in 1884. In this short story, Matias, a character narrator, discusses his entire life trajectory called by himself as extremely "Unlucky", so he calls himself a "Caipora", which means an extremely unlucky person. Through the narration, the reader will be aware of the misfortunes of the character from his birth until the day he decides to commit suicide. It is known that Matias does not intend to die without first telling about his existence and registering his last wish, the donation of his boots. In this perspective, we intend to analyze this story highlighting succinctly the perception of Machado de Assis about life and the evil present in the world with a pessimistic vision and an ironic humor.

Keywords: Machado de Assis. Pessimism. Irony.

¹ Allan Leandro Lascoski - Graduando em Letras - Habilitação Plena Português/Inglês e suas respectivas Literaturas pela Faculdade Santa Amélia (SECAL). allan_lascoski@hotmail.com

² Juliana Bressan Mendes Giollo - Graduanda em Letras - Habilitação Plena Português/Inglês e suas respectivas Literaturas pela Faculdade Santa Amélia (SECAL). Juliana-giollo@hotmail.com

³ Josiane Aparecida Franzó - Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). josiane@secal.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Justifica-se, o presente trabalho revisita a obra machadiana com o intuito de identificar questões que nortearam a sociedade brasileira do século XIX, como ironia, ceticismo e pessimismo por meio de abordagens teóricas, bem como, identificar características comuns às produções do escritor brasileiro. Para análise literária do conto *Último Capítulo* se buscar-se-á como aporte, teóricos que tratem desses temas, tão característicos na obra do autor oitocentista aqui citado.

O conto *Último Capítulo* é um resumo autobiográfico de um suicida sendo narrado em primeira pessoa por Matias Deodato de Castro e Melo, filho de Salvador Deodato de Castro e Melo e de D. Maria da Soledade Pereira, ambos falecidos. Matias é natural de Corumbá, Mato Grosso, nascido em 3 de março de 1820.

A escrita em primeira pessoa convém também a esse personagem, que, já afastado da vida social, encontra nessa maneira narrativa um espaço de observação, determinando aí um ponto de vista crítico da realidade.

O narrador-personagem relata que com esse conto, almeja explicar o testamento que acaba de escrever: sua vontade é que todos os seus bens sejam revertidos em botas novas e que estas sejam distribuídas aos infelizes. A composição da autobiografia objetiva é explanar e convalidar essa sua vontade visivelmente absurda.

É nesse pressuposto que o narrador descreve os ensejos do próprio suicídio, exhibe os diversos infortúnios sofridos no decorrer de sua vida. E ainda reflete sobre sua existência repleta de desgraças expondo um ponto de vista crítico e desolado de sua relação com os demais, com a coerência artificiosa da sociedade e, enfim, consigo mesmo, culminando na intenção do suicídio.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

A narrativa está presente no livro *Histórias sem data*, obra que reúne 18 contos de Machado de Assis, publicada pela Editora Garnier no Rio de Janeiro em 1884, ou seja, três anos depois da publicação de uma de suas obras

clássicas *Memórias póstumas de Brás Cubas*⁴, que marca o início do Realismo brasileiro. Esse romance é citado aqui, ainda que a exemplo meramente ilustrativo, mas por tratar, também, da morte e de uma existência sem grandes êxitos.

Considera-se assim que a fase em que se encontram as duas narrativas pertencem ao Realismo, que é um movimento literário marcado por forte crítica à sociedade da época, uma vez que as personagens não são mais idealizadas como no Romantismo, pelo contrário, elas são comuns e analisadas de uma forma mais semelhante ao real. Os temas são cotidianos com uso de uma linguagem objetiva e uma narrativa detalhada, principalmente do perfil psicológico, ou nas palavras de Afrânio Coutinho (1986, p. 04), deve-se encarar o Realismo e o naturalismo como movimentos específicos do século XIX. Por quanto, antes de se concretizar uma época histórica eles eram categorias estéticas ou temperamentos artísticos, tendências gerais da alma humana em diversos tempos, como Classicismo e Romantismo, surgindo o Realismo sempre que se dá a união do espírito à vida, pela objetiva pintura da realidade.

Assim como a vinda de um novo movimento literário, o panorama social da época já há décadas tinha anseios de mudanças. Período marcado por instabilidades na monarquia e um forte apelo social pelo fim da escravidão:

A partir da década de 1870 começaram a surgir uma série de sintomas de crise do Segundo Reinado. Dentre eles, o início do movimento republicano e os atritos do governo imperial com o Exército e a Igreja. Além disso, o encaminhamento do problema da escravidão provocou desgastes nas relações entre os estados e suas bases sociais e de apoio. Esses fatores não tiveram um peso igual na queda do regime monárquico, explicável também por um conjunto de razões de fundo onde estão presentes as transformações socioeconômicas que deram origem a novos grupos sociais e à receptividade às ideias de reforma (FAUSTO, 2004, p. 217).

⁴ Publicou-se pela primeira vez em folhetim, na *Revista Brasileira*, do Rio de Janeiro, de 15 de março a 15 de dezembro de 1880. Em volume apareceria somente em 1881. A narrativa gira em torno do seguinte núcleo dramático: o narrador, depois de morto conta suas aventuras em vida e as observações que lhe suscitaram. Por entre capítulos em que se misturam a realidade, a fantasia, o cinismo e o desencanto de existir, vão se sucedendo as cenas tendo por figuras centrais Marcela e Virgília. Com a primeira pecadora inconsequente, gasta pequena fortuna e o melhor de sua mocidade. Já na idade madura, entretém com a segunda, esposa de Lobo Neves, uma relação que termina em adultério, sob o olhar conivente de D. Plácida. Sua chocarrice ainda se defronta com Quincas Borba, filósofo cuja as ideias generosas vinham ensombradas pela asa da loucura. O epílogo dá se quando o herói se despede da vida (MOISÉS, 2002, pag. 272).

Será, portanto, nesse clima de instabilidade que Machado comporá obras nas quais o ceticismo, a ironia, o pessimismo e o ser versus parecer se farão presentes.

3 ANÁLISE LITERÁRIA

Antes de se ater ao conto é interessante destacar o título da obra, em que o autor comenta a escolha do título englobando todos os contos com um prefácio:

Advertência da 1ª edição:

De todos os contos que aqui se acham há dois que efetivamente não levam data expressa; os outros a têm, de maneira que este título Histórias sem Data parecerá a alguns ininteligível, ou vago. Supondo, porém, que o meu fim é definir estas páginas como tratando, em substância, de coisas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia, penso que o título está explicado. E é o pior que lhe pode acontecer, pois o melhor dos títulos é ainda aquele que não precisa de explicação. (ASSIS, 1884, s.p.).

De fato, há contos que não são mensuradas datas, o que não acontece no conto *Último Capítulo*, em que o narrador minuciosamente situa o tempo e as datas, bem como, o espaço. O autor revela que não quer que os leitores fiquem presos às datas visto que elas podem transpor épocas. No final do parágrafo pode-se perceber a autocrítica de Machado dizendo achar que o título está explicado e depois comentar que o melhor dos títulos é ainda aquele que não precisa de explicação, ou seja, aquele título que é compreendido no decorrer da história sem necessitar de uma explicação prévia. Apesar disso, Machado achou necessária tal explicação para melhor compreensão dos leitores sobre o título, e o que se espera dos contos presentes na obra.

Vale lembrar que, o conto *Último Capítulo* faz parte da segunda fase de Machado, que segundo Moisés (2002) é a que documenta nitidamente as tendências do espírito do autor, voltadas para o filosofismo, ironia amarga, reflexão profunda em torno do trágico da condição humana, da sem-razão de tudo.

Logo ao início da narrativa tomamos conhecimento de que algo trágico está por vir, a intenção de suicídio do narrador-personagem Matias, “intenção”, que acabará por se concretizar ao final do conto, isso remete a fatores de uma obsessão por morte ou o fim da vida como solução para uma vivência medíocre. Sobre isso Peregrino (1976) irá dizer que para o epilético a morte é anterior à vida, e como que

alguma coisa impele o que é vivo para a morte. É esse fenômeno que caracteriza o instinto de morte, de identificação tão fácil em toda a obra machadiana.

O suicídio anunciado por Matias reflete justamente essa percepção de morte visto que o narrador já inicia manifestando sua intenção suicida:

Há entre os suicidas um excelente costume, que é não deixar a vida sem dizer o motivo e as circunstâncias que os armam contra ela. Os que se vão calados, raramente é por orgulho; na maior parte dos casos ou não têm tempo, ou não sabem escrever. Costume excelente: em primeiro lugar, é um ato de cortesia, não sendo este mundo um baile, de onde um homem possa esgueirar-se antes do cotilhão; em segundo lugar, a imprensa recolhe e divulga os bilhetes póstumos, e o morto vive ainda um dia ou dois, às vezes uma semana mais (ASSIS, 1884, p. 33).

No primeiro contato do leitor com o conto já é possível deparar-se com a pitada de ironia machadiana. O narrador-personagem começa a explicar a razão dos termos de seu testamento e conta porque se autodenomina um “caipora” (azarado, sem sorte)⁵. Segue, apresentando fatos malsucedidos que ocorreram com ele, desde sua infância até o dia em que resolve cometer suicídio. A obra discorre sobre a vida azarada, de caipora da personagem Matias Deodato⁶, tanto de acontecimentos pequenos, quanto aos mais significantes que definem estruturalmente, ou melhor dizendo, emocionalmente, sua vida.

Assim, resume-se uma vida desde sempre azarada e contada por ele mesmo: Quando Matias Deodato tinha de sete para oito anos cai da rede de costas e surpreendentemente quebra o nariz, apanha por engano certa vez, fica órfão muito jovem, passa a ser criado pelo cônego Brito que acabara de ser eleito Deputado. O cônego propôs levá-lo ao Rio de Janeiro, com a ideia de fazer de Matias Padre, mas cinco dias após chegarem, o cônego falece. Então Matias fica só e sem amigos, tenta se tornar sacristão, mas não é admitido por falta de vaga. Resolve estudar Direito e enfim torna-se bacharel. É quando conhece uma viúva mais velha:

⁵ O *Dicionário Aurélio* fornece a seguinte definição do vocábulo mencionado: “S. m. Bras. Má sorte ou infelicidade constante em acontecimentos fortuitos ou em tudo que se intenta; caipora, caiporice, azar, cábula, pé-frio, urucubaca. (FERREIRA, 1986, p. 314)

⁶ Matias: Significa "oferta de Deus", "presente de Deus". Matias tem o mesmo significado do nome Mateus, por ser uma variante desse. O nome originou-se no hebraico Mattiyah, foi adaptado no grego para Maththías, e no latim para Mathias até chegar ao português Matias. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/matias/>> Acesso em: 12/09/2017.

E, para principiar, a carta de bacharel não me encheu sozinha as algibeiras. Não, senhor; tinha ao lado dela umas outras, dez ou quinze, fruto de um namoro travado no Rio de Janeiro, pela semana santa de 1842, com uma viúva mais velha do que eu sete ou oito anos, mas ardente, lépida e abastada. Morava com um irmão cego, na rua do Conde; não posso dar outras indicações. Nenhum dos meus amigos ignorava este namoro; dois deles até liam as cartas, que eu lhes mostrava, com o pretexto de admirar o estilo elegante da viúva, mas realmente para que vissem as finas coisas que ela me dizia. Na opinião de todos, o nosso casamento era certo, mais que certo; a viúva não esperava senão que eu concluísse os estudos. Um desses amigos, quando eu voltei graduado, deu-me os parabéns, acentuando a sua convicção com esta frase definitiva: - O teu casamento é um dogma (ASSIS, 1884, p. 37).

Nesse trecho vemos que para o narrador a aparência ou *status* é considerado. O narrador tenta firmar a ideia a nós leitores, que seus amigos davam importância a seu namoro. Comenta que todos seus amigos tinham conhecimento de seu relacionamento, inclusive, chega a mostrar as cartas que a viúva lhe enviava com intuito de seus companheiros admirarem os textos e o estilo que a viúva escrevia, ou seja, Matias queria que soubessem de seu relacionamento amoroso.

Apesar dessa tentativa de Matias mostrar que não estava só, sabemos que para a sociedade da época um namoro com uma viúva, e ainda mais velha que ele, não era visto com bons olhos. Sendo assim, as considerações dos chamados “*amigos*” de Matias em relação a seu namoro, não seriam motivações falsas? “- O teu casamento é um dogma” (ASSIS, 1884, p. 37).

Ao longo da narrativa, ainda que com uma sucessão de fatos nada exitosos, há uma leve sensação de esperança como no caso de seu relacionamento com a viúva, que, aparentemente parece, até certo ponto, que irá ser consumado, porém, esse é mais uma ocorrência desastrosa na vida de Matias, pois, quem acaba por casar com a viúva é justamente o amigo que lhe havia pedido dinheiro emprestado⁷:

Não digo tudo o que então padeci; digo só que meu primeiro impulso foi dar um tiro em ambos; e, mentalmente, cheguei a fazê-lo; cheguei a vê-los, moribundos, arquejantes, pedirem-me perdão. Vingança hipotética; na realidade, não fiz nada. Eles casaram-se, e foram viver na Tijuca a ascensão da lua de mel. Eu fiquei relendo cartas da viúva. Deus que me ouve (dizia uma delas) sabe que o meu amor é eterno, e que eu sou tu, eternamente tua... E, no meu atordoamento, blasfemava comigo: - Deus é

⁷ E, rindo, perguntou-me se por conta do dogma, poderia arranjar-lhe cinqüenta milréis; era para uma urgente precisão. Não tinha comigo os cinqüenta mil-réis; mas o *dogma* repercutia ainda tão docemente no meu coração, que não descansei em todo esse dia, até arranjar-lhos; fui levá-los eu mesmo, entusiasmado; ele recebeu-os cheio de gratidão. Seis meses depois foi ele quem casou com a viúva (ASSIS, 1884, p. 38).

um grande invejoso; não quer outra eternidade ao pé dele, e por isso desmentiu o meu amigo. Era assim que eu explicava a perda de namorada e dos cinquenta mil réis (ASSIS, 1884, p. 38)

Nesse trecho do conto é possível observar a ironia machadiana e, apesar da situação adversa, a personagem encara os fatos de maneira bem-humorada, ou excesso de ironia - é como se Matias zombasse dele mesmo. Ironiza a questão do amor eterno dito pela viúva que caso então, estaria com ele. Em um momento chega até a questionar Deus na tentativa de encontrar uma explicação para a traição do amigo e o casamento com a viúva que não deu certo.

Nessa altura da vida Matias deixa a cidade e vai para o campo, e, como ele mesmo afirma, seu caiporismo vai junto. Apesar de já exercer sua carreira de bacharel, as demandas não vêm, e quando vêm, vale pouco ou nada, e as que valem, ele perde. Como não logra êxito, retorna para a Corte e se estabelece com um antigo companheiro - Gonçalves.

Esse, que aparece na história como amigo de Matias, era advogado, mas, segundo narração do próprio companheiro, Gonçalves parecia pouco entender das questões do direito, não tinha paciência para conversas de nível mais elevado, gostava mesmo de tratar com a criadagem:

Este Gonçalves era o espírito menos jurídico, menos apto para entestar com as questões de direito. Verdaderamente era um pulha. Comparemos a vida mental a uma casa elegante; o Gonçalves não aturava dez minutos a conversa do salão, esgueirava-se, descia à copa e ia palestrar com os criados. Mas compensava essa qualidade inferior com certa lucidez, com a presteza de compreensão nos assuntos menos árduos ou menos complexos, com a facilidade de expor, e, o que não era pouco para um pobre diabo batido da fortuna, com uma alegria quase sem intermitências. Nos primeiros tempos, como as demandas não vinham, matávamos as horas com excelente palestra, animada e viva, em que a melhor parte era dele, ou falássemos de política, ou de mulheres, assunto que lhe era muito particular (ASSIS, 1884, p. 39).

Com a descrição de Matias em relação ao amigo Gonçalves, notamos que a descrição não é nada amigável, não aponta qualidade alguma, a não ser a dele entender sobre mulheres, visto que isso não chega a ser um atributo positivo. Deixa claro sua pouca admiração pelo amigo. Evidenciamos uma semelhança nessa

narrativa, com o Narrador Bentinho da obra *Dom Casmurro*⁸ não por coincidência também do autor Machado de Assis. Os dois narradores julgam e apontam defeitos ou desvios de caráter de todos os personagens ao seu redor. Tanto Matias aponta Rufina e Gonçalves, quanto Bentinho aponta Capitu e Escobar. Na visão do autor ambos traidores.

Gonçalves não foi bem-sucedido, tanto em sua carreira profissional, a qual procurava fugir de temas referentes à sua profissão, como em sua vida pessoal, pois não foi verdadeiramente amigo de Matias, mostrando-se ser um traidor, visto que mais tarde, teve um caso amoroso com Rufina. Percebe-se no trecho à seguir que nem sua própria esposa escapa do julgamento crítico e comparativo do Narrador com um toque machadiano:

Estava casado. Rufina não dispunha, é verdade, de certas qualidades brilhantes e elegantes; não seria, por exemplo, e desde logo, uma dona de salão. Tinha, porém, as qualidades caseiras, e eu não queria outras. A vida obscura bastava-me; e contanto que ela má enchesse, tudo iria bem. Mas esse era justamente o agro da empresa. Rufina (permitam-me esta figuração cromática) não tinha a alma negra de lady Macbeth, nem a vermelha de Cleópatra, nem a azul de Julieta, nem a alva de Beatriz, mas cinzenta e apagada como a multidão dos seres humanos. Era boa por apatia, fiel sem virtude, amiga sem ternura nem eleição. Um anjo a levaria ao céu, um diabo ao inferno, sem esforço em ambos os casos, e sem que, no primeiro lhe coubesse a ela nenhuma glória, nem o menor desdouro no segundo. Era a passividade do sonâmbulo. Não tinha vaidades. O pai armou-me o casamento para ter um genro doutor; ela, não; aceitou-me como aceitaria um sacristão, um magistrado, um general, um empregado público, um alferes, e não por impaciência de casar, mas por obediência à família, e, até certo ponto, para fazer como as outras. Usavam-se maridos; ela queria usar também o seu. Nada mais antipático à minha própria natureza (ASSIS, 1984, p. 41).

Rufina é outra personagem da trajetória azarada de Matias. Definida por ele mesmo, como meio morta, sem grandes qualidades e atributos, casou-se com Matias, mas por certo que não teve uma vida feliz. Era uma mulher sem muita personalidade, não tinha a alma negra de lady Macbeth, muito menos a alma

⁸ A obra que tornou famosa a personagem Capitu, foi escrita em 1899 por Machado de Assis. A narrativa começa com o protagonista, Bentinho, apelidado no fim da vida de “Dom Casmurro”, contando quais acontecimentos de seu passado que o levaram a tal estado de mal humor, a ponto de merecer o apelido. A história inicia-se na infância de Bentinho, um garoto coberto de cuidados pela mãe viúva, criado em uma família abastada. Disponível em: <http://www.livrosbiografiasefrases.com.br/livros/resumos/resumo-de-dom-casmurro/> Acesso em: 13/09/2017

vermelha de Cleópatra, tampouco Rufina tinha a alma alva e transparente de Beatriz, ou ainda uma alma azul como a de Julieta⁹.

Tomando essas personagens como exemplos, o narrador quer mostrar, que Rufina, não tinha nem coragem nem ousadia, muito menos a inteligência de uma rainha, ou a alma leve e desprendida de uma heroína dramática, que morre por seu amor. Embora servisse para ele como esposa. Essas afirmações ficam evidentes no trecho mencionado anteriormente.

No fim de um ano e meio após seu casamento, a sorte finalmente lhe sorri. Rufina estava grávida e um filho significaria o estreitamento do matrimônio. Contudo, por mais uma ironia de seu caiporismo seu herdeiro nasce morto. A enlutada é consolada por seu amigo, ou seja, justamente por Gonçalves, que seria padrinho da criança. Nessa altura ele já começava a converter-se à advocacia e demonstravam grande apreço de amizade um pelo outro.

Como Gonçalves começou a agir de modo mais sério, Matias, acreditando que o amigo esteja namorando, acaba por dizer à mesa para Rufina que o rapaz iria se casar. Como não houve prosseguimento no assunto, o esposo de Rufina calou-se.

Tempos depois Rufina morre vítima de febre. Mais tarde, remexendo as coisas de dela, Matias encontra uma caixinha com cartas amarradas. Para sua surpresa elas eram de Gonçalves. Essas cartas revelaram o caso amoroso entre sua esposa e seu amigo. Isso foi mais um dos fatores para sua decisão de cometer suicídio.

⁹ Lady Macbeth, personagem de William Shakespeare em Macbeth, é pensada, via de regra, como uma coadjuvante da trama onde o súdito, Macbeth, se torna conde e assassina o rei para obter-lhe a coroa. Até o fato de Lady levar o nome do marido, ser a Senhora Macbeth, pode ser pensada como uma prova de seu papel secundário, ela seria apenas a esposa de Macbeth. Mas Shakespeare pode também ter dado à ela uma outra parte de Macbeth, ambos se complementando, e a parte que fica para esta senhora não é simplesmente o da Eva que oferece a maçã em forma de punhal ao Adão Macbeth. Lady Macbeth é, sem dúvida, uma personagem poderosa, a força que cria a ação trágica da peça. Disponível em: <http://www.pucsp.br/neamp/artigos/artigo_19.html> Acesso em: 12/09/2017. Uma das personagens mais marcantes da dinastia lágida, Cleópatra (nome de sete rainhas do Egito) foi sucessivamente esposa de seus irmãos Ptolomeu 13 (morto em 47 AC) e Ptolomeu 14 (morto em 44 AC). Subiu ao trono em 51 AC, após a morte do pai, Ptolomeu 12º, e só o deixou com a sua morte, em 30 AC. A sua relação com os irmãos e maridos foi sempre muito conturbada, a ponto de causar instabilidade política no país. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/cleopatra.htm>> Acesso em: 12/09/2017.

Julieta heroína da tragédia do escritor inglês William Shakespeare (1564-1616) escrito no final do século XVI. Que após ver seu amado morto, comete suicídio. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/julieta.html>> Acesso em: 12/09/2017.

O início deste conto ironicamente começa pelo fim, percebe-se assim, o conflito já instaurado. Matias redigindo seu testamento, momentos antes de cometer suicídio. Era de sua intenção sair calado, mas um fato ocorrido momentos antes de ele realizar seu feito, o fez parar para pensar em toda sua existência “azarada”. Fato esse que o liga a toda sua vida¹⁰.

Há uma representação do ser em contraposição do parecer alegorizada ao final da história por um homem calçando um par de botas, que, apesar de Matias o retratar também como “uma vítima de grandes reveses”¹¹, ele sente-se feliz quando contempla seu par de sapatos aparentemente novos. Isso tudo representa um estado, tanto social, como moral, configurado meramente sob aparências. Ou seja, não importa a situação que o indivíduo se encontra, mas sim o que ele representa aos olhares da sociedade:

A felicidade será um par de botas? Esse homem, tão esbofeteado pela vida, achou finalmente um riso da fortuna. Nada vale nada. Nenhuma preocupação deste século, nenhum problema social ou moral, nem as alegrias da geração que começa, nem as tristezas da que termina, miséria ou guerra de classes; crises da arte e da política, nada vale, para ele, um par de botas. Ele fita-as, ele respira-as, ele reluz com elas, ele calca com elas o chão de um globo que lhe pertence. Daí o orgulho das atitudes, a rigidez dos passos, e um certo ar de tranquilidade olímpica...Sim, a felicidade é um par de botas. (ASSIS, 1884, p.47)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O narrador conclui que a felicidade é um par de botas e manifesta o vazio da existência humana. O que seria fundamental, no caso, a felicidade é diminuído ao que é puramente visível supérfluo e fútil: uma mera bota. Trata-se de um pensamento sobre a falta de significado e o vazio da vivência.

¹⁰ Mas um incidente de há pouco trocou-me o plano, e retiro-me deixando, não só um escrito, mas dois. (ASSIS, 1884, p.33).

¹¹ No fim de dez minutos, vi passar um homem bem trajado, fitando a miúdo os pés. Conhecia-o de vista; era uma vítima de grandes reveses, mas ia risonho, e contemplava os pés, digo mal, os sapatos. Estes eram novos, de verniz, muito bem talhados, e provavelmente cosidos a primor. Ele levantava os olhos para as janelas, para as pessoas, mas tornava-os aos sapatos, como por uma lei de atração, interior e superior à vontade. Ia alegre; via-se-lhe no rosto a expressão da bem-aventurança. Evidentemente era feliz; e, talvez, não tivesse almoçado; talvez mesmo não levasse um vintém no bolso. Mas ia feliz, e contemplava as botas (ASSIS, 1884, p.47).

Por exemplo, Montaigne, escreve vastamente sobre o assunto, sempre acusando o predomínio do superficial, a diminuição da existência a mais completa vaidade. No ensaio *Da solidão*, por exemplo, ele diz: “Quem não troca deliberadamente a saúde, o repouso, a vida, pela reputação e a glória, as mais inúteis e vãs, e falsas, das moedas correntes?” (MONTAIGNE, 1980, p. 117).

Candido resume o que seria uma condição de processo na obra de Machado de Assis, um esquema que se reproduz em vários romances e contos. Esse esquema possivelmente compõe o *Último capítulo*. Candido diz:

Sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial.(CANDIDO, 1970, p. 23)

Quando Matias afirma que a felicidade é um par de botas, parece recomendar algo tremendo de maneira simples. Exibido pelo narrador sob uma visão crítica e irônica, essa própria afirmativa parece contrastar a normalidade social dos fatos (a consideração da imagem, o valor das botas novas) com a sua irregularidade fundamental (a felicidade restringida a nada).

Igualmente como em *Brás Cubas*, Matias se coloca a escrever sua autobiografia, pensando sobre o vazio da existência humana. O homem do par de botas atua de maneira espontânea, deixando-se seguir pela coerência da vida social quando sai feliz pelas ruas exibindo seus sapatos.

Matias não encontrou a felicidade, tentou, lutou procurou por ela, nas amizades, no trabalho, no casamento, na paternidade. Ao ver aquele pobre homem passar sorrindo, feliz contemplando as botas, como num estalo pensou: “a felicidade é um par de botas?” (ASSIS, 1884, p. 47). No conto, as botas simbolizam o exterior que é valorizado em detrimento do interior. Aparência é mais importante que a essência, ou melhor, o essencial é reduzido ao vão aparente e, dessa forma, esvaziado de sentido.

Estão presentes no conto *Último Capítulo*, o adultério, quebra da confiança, esterilidade do casal, insucesso profissional e pessoal. Deixando evidentes o ceticismo e o pessimismo de Machado de Assis.

4 REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Último capítulo**. In: Histórias sem data. Rio de Janeiro: 1975.

ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 9.ed. São Paulo: Ática, 1982.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário Aurélio**. R.J.: Ed. Nova Fronteira, 1986.

MAIA NETO, José Raimundo. **O ceticismo na obra de Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 2007.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PEREGRINO JR., João. **Doença e constituição de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1976.

PROENÇA, Cavalcanti - **Contos Consagrados, Machado de Assis**, Rio de Janeiro: Ediouro, 1982, p. 07-15.